

## MEMÓRIA E TRANSMISSÃO ORAL DOS SABERES QUILOMBOLAS

Bárbara Manuela Silva dos Santos<sup>1</sup>

Rita de Cássia Dias Pereira Alves<sup>2</sup>

Selma Silva dos Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é compreender como os quilombolas mobilizam a memória da cultura popular quilombola no território, e a importância dos festejos em louvor à São Roque, na comunidade quilombola do Engenho da Ponte na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, como mediação de trocas simbólicas intergeracionais, acerca da memória, da identidade étnicorracial, e patrimônio imaterial da cultura quilombola brasileira. Deste modo, buscaremos entender como esta celebração de cunho religioso, consegue atar vínculos comunitários, sociais, no campo da religiosidade e do fortalecimento da identidade local, do vínculo com o território de identidade, e com as conexões simbólicas e práticas com o espaço físico ocupado. Devemos destacar que o evento se constitui como um significativo demarcador da identidade para os quilombolas da região, uma vez que proporciona e mobiliza trocas de saberes entre os diferentes grupos de quilombos da Bacia e Vale do Iguape, no Rio Paraguaçu, por ser a festa mais antiga das comunidades quilombolas da região, quilombos que detém um método pedagógico de transmissão dos saberes populares pautados na oralidade, transmitida para as crianças e jovens que se motivam para valorizarem e salvaguardar as tradições que constituem as suas identidades, por intermédio da vivência social na comunidade e de diversos aspetos que integram a religiosidade, as noções e vivências de ancestralidade e cultural negra e quilombola.

**Palavras-chave:** Quilombo, festa, religiosidade, memória, identidade, patrimônio imaterial.

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias (BICULT) pela UFRB no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT). [manuelabarbarasilva@gmail.com](mailto:manuelabarbarasilva@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora Adjunta II da UFRB. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). [cdias@ufrb.edu.br](mailto:cdias@ufrb.edu.br)

<sup>3</sup>Conselheira adjunta ao Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape (CQBVI). [selmasantossilva99@gmail.com](mailto:selmasantossilva99@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo nasce da reflexão a partir da (re)construção de uma memória quilombola, através da vivência da festa da comunidade quilombola do Engenho da Ponte, localizada no Vale do Iguape, na cidade de Cachoeira no recôncavo baiano. A pesquisa consiste em retratar a importância do resgate da Festa de São Roque no Engenho da Ponte, para a manutenção/atualização da cultura local, e os desdobramentos que decorrem de diferentes impactos sobre as gerações que vivem a festa, e a reconstrução da memória local. Este estudo parte de duas vertentes, primeiro: a existência de um sujeito cultural implicado, na sua origem, e com a história das memórias do lugar, e que se faz um/a sujeito/ator/autor pesquisador/a acadêmico/a, que atenta às narrativas da produção e reflexão das memórias construídas, partilhadas e resignificadas como pauta da cultura local.

Serão apresentadas as comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape, e sua organização por intermédio do Conselho Quilombola das comunidades. Enunciaremos algumas características e descreveremos a programação da Festa de São Roque, buscando entender como este evento religioso, de tradição popular católica, se articula na contemporaneidade, e busca subsídios para manter-se vivo, inovando, não perdendo as características de um “campo étnico-quilombola” (Marinho, 2016) da tradição negra. A (re)construção da identidade da festividade e dos quilombos se dá de diferentes modos e contextos (Arruti, 1997; 2008), para a construção de uma identidade emergente, com características de raça, origem, história e religião. Esta nova identidade se afirma por meio da (re)criação de elementos da cultura tradicional/popular, em favor das afirmações pautadas em suas origens identitárias, sociais, ancestrais e contemporâneas.

Faremos breves relatos sobre as mudanças que ocorreram no quilombo, e na própria festa de São Roque, com a intenção de apresentar tais transformações, processamentos e contrastes dos elementos que compõem a tradição regional. A pesquisa se desdobrou, buscando entender as questões que estão circundando as interpretações da festividade, (Perez, 2012), colocados com ênfase, os momentos coletivos da festividade, considerando que os indivíduos implicados estão associados em conjunto, para não apenas “realizar” a festa, mas “senti-la”, o que segundo Tavares & Bassi, (2015) está interligado, não apenas na construção do projeto, da realização da

feira, mas sobretudo, nos processos identitários que ali estão implicados, a partir das vivências da festa que sensibilizam processos que ativam as memórias com intermédio dos objetos simbólicos, dos afetos sociais e , dos atos políticos.

## **COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

As comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape estão situadas no município de Cachoeira/Bahia, no entorno da Baía de Todos os Santos e da Reserva Extrativista (RESEX) Marinha Baía do Iguape. Desde 2008, quinze comunidades, estão instaladas no distrito de Santiago do Iguape todas interligadas ao Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape, sendo elas Kaonge, Kalembá, Kaimbongo Velho, Kalolé, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz e Brejo da Guaiba, Mutecho Acutinga, Tabuleiro da Vitória.

O Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape, localizado no município de Cachoeira, é uma estrutura organizada por quinze comunidades no entorno da Bacia e Vale do Iguape. O conselho que representa essa comunidade é constituído de oito membros por comunidade (quatro titulares e quatro suplentes), totalizando 112 conselheiros, que representam diretamente e indiretamente mais de 3.500 famílias (CECVI, 2018).

Estas comunidades foram constituídas por negros/as escravizados/as, advindos forçadamente dos diferentes países do continente africano, em decorrência do sistema capitalista que segundo, Santos, Jovelino e Silva (2018) é capitalista e escravocrata os impôs para trabalhar na produção de cana de açúcar na religião no Brasil colônia.

No momento atual, as comunidades são certificadas pela fundação Cultural Palmares, como comunidades remanescentes de quilombo, que valorizam as tradições culturais ancestrais, advindas das características das festividades religiosas, da estética, do artesanato, das práticas culinárias, organizativas e produtivas, que se formatam como pautas dos princípios educativos e sociais das comunidades, no que concerne à organização das próprias comunidades, com a articulação para a valorização e fortalecimento da cidadania, e inclusão dos quilombos em políticas públicas. Os quilombos se articulam de maneira artesanal, com pautas encorpadas no princípio da economia solidária, por mediação dos diversos núcleos produtivos, a exemplo do Banco

Solidário Quilombola, que socializa a moeda social “sururu”<sup>4</sup>, as comunidades estão no entorno da sustentabilidade socioambiental defendida pela RESEX.

O Conselho formou-se a partir da conscientização coletiva de que a preservação da forma de ser e viver, alicerçada nas tradições e valores ancestrais, sem perder de vista a inserção nas conquistas da sociedade moderna, impunha troca de experiências entre as comunidades e a defesa dos interesses comuns por todas elas. O Conselho indicou seu interesse no diálogo institucional a partir do coletivo (SANTOS. JOVELINO. SILVA, p. 184. 2018).

O conselho quilombola tem uma abrangência local, de valorização de uma cultura quilombola específica das comunidades do território, principalmente do Kaonge, Dendê, Kalemba, Engenho da Ponte e Engenho da Praia, cultura esta observada ao longo dos anos, com o trabalho de fortalecimento das manifestações festivas e pedagógicas tradicionais, através das festas, dos sambas de roda, da dança afro, das rodas de conversa, da artesanaria, de componentes do vestuário, das comidas típicas, dos objetos ornamentais e adereços, das práticas terapêuticas tradicionais (plantas medicinais, xaropes de ervas, rezas etc.). Saberes, e experiências das competências e habilidades que são transmitidas pelos/as mestres/as griôs<sup>5</sup>, que promovem o aprendizado dos jovens, através da transmissão destes conhecimentos, de forma oral, pelos contos, cantigas, cantos, e rezas circulantes nas comunidades.

Atualmente, o Conselho Quilombola exerce um papel fundamental de fortalecimento das expressões culturais e religiosas das comunidades, reativando tradições populares, memórias ancestrais, políticos, educativos, artísticos etc. Na cultura popular, a transmissão oral dos saberes e experiências de vida- formação, memória, comunitária implicada no ritual conjunto das manifestações festivas, na ritualística católica e afro-brasileira, que relacionam, articulam dois mundos e suas visões, sem que um sucumba diante do outro, suas especificidades criam uma identidade quilombola do território.

---

<sup>4</sup> Nas comunidades estão situados os núcleos de apicultura, núcleo de agricultura, núcleo de pesca e marisco; cultivo de ostras, o núcleo de azeite de dendê, turismo étnico de base comunitária e do artesanato, resultantes do trabalho coletivo de base solidária, resultante da organização de modo artesanal

<sup>5</sup> Como pode-se ler no site <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-gri%C3%B3/> (Acesso em: 03 março. 2018): “O termo Griô é (...) uma corruptela da palavra “Creole”, ou seja, Crioulo, a língua geral dos negros na diáspora africana (...) O termo griô tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral”. No Brasil os griôs conseguiram um novo estatuto e uma nova dignidade com a proposta, e aprovação em 2014 da “Lei Griô”

## **EPISTEMOLOGIAS NEGRAS: TRANSMISSÃO ORAL DOS SABERES POPULARES**

A festa em louvor à São Roque mobiliza as comunidades quilombolas entorno da Baía do Iguape. Podemos demarcar um espaço físico deste quilombo, uma escola e uma igreja, e o Pé do velho. Para as pessoas de identidade quilombola fazer a festa de São Roque é vivenciar a própria comunidade nos seus diferentes modos de expressar religiosidade e identidade. A festa traz consigo implicações de uma maneira fundamental de ativar um repertório musical de referência religiosa, afrodescendente que se estimula através de uma performance do saber quilombola, através das cantigas, toques musicais, danças, rezas e ritos, transmitidas pela metodologia de oralidade, transmissão específica, aprendida no contínuo fazer das transmissões intergeracionais. São assim difundidos conhecimentos artísticos, religiosos e culturais quilombolas que se constituem na oralidade não apenas numa metodologia de transmissão de conhecimentos, mas de construir e gerar novas epistemologias sociais negras, nas conversas orais entre os pares.

A festa de São Roque se estrutura em diferentes momentos, alguns precedentes à festa, nos finais de semana do mês de janeiro, são eles: a “esmola cantada”, momento do ato devocional que advém das promessas e pedidos feitos pelas pessoas para que extinguisse as epidemias e mortes na comunidade, deste modo à esmola cantada e a festa provém como uma forma de agradecimento pelo fim das doenças.

No final de semana do mês de fevereiro, posterior a “esmola cantada”, à festa; atividades dos dois dias da festa no mês de fevereiro: baile, missa e procissão; acrescentado para composição da extensão mais uma roda de conversa com os mestres griôs na sexta feira procedente a missa e procissão), esta roda de conversa tem o intuito de ressaltar a importância da atuação dos mestres griôs para transmitir as memórias coletivas, comunitárias, relatando a sua origem e estruturação destes vínculos a partir do resgate do evento festivo (MOURA 2012).

Segundo os mestres da comunidade, a festa de São Roque é relacionada à tradição de contar as histórias (história contada), hábito e prática da cultura das pessoas mais antigas, compor as narrativas das experiências advindas de acontecimentos sobre uma dinâmica de cânticos religiosos que fazem alusão aos milagres e à devoção aos

santos cultuados. Consideramos, assim que o resgate das memórias e fortalecimento da transmissão oral das experiências destes mestres, faz referências a um patrimônio comunitário imaterial, com a sua pedagogia de transmissão oral, uma prática que segue sendo ameaçada na contemporaneidade, na qual as práticas comunitárias e os saberes seculares, transmitidos através desses ritos tradicionais, vão sendo sufocados por fazeres mais imediatistas, que desrespeitam os saberes e os modos de fazer tradicionais, e as particularidades da identidade quilombola.

Estão implicadas na transmissão oral destes conhecimentos algumas particularidades da territorialidade quilombola local e festiva, como por exemplo: os elementos linguísticos, a prosódia das palavras, os sons, a sensibilidade de afetação dos agentes envolvidos, a competência da transmissão oral os coloca um campus de narração oral que compartilha as suas experiências vividas das epistemologias nativas de um ser quilombola, que estão relacionadas subjetivamente ao que segundo Schechner, (2013) caracteriza como “(enact) a unidade de sentir, pensar e fazer”

## **O PÉ DO VELHO E OS DESDOBRAMENTOS NA FORMAÇÃO RELIGIOSA DA COMUNIDADE**

Segundo os mestres locais, a origem da festa de São Roque, foi no século XX, com acontecimentos que demarcaram um tempo na memória da comunidade quilombola do Engenho da Ponte, motivados por surtos de varíola, sarampo e catapora que assolaram a comunidade.

No relato das pessoas mais antigas do Engenho da Ponte, afirma-se que, todo mês de agosto, mês devotado a Omolu, orixá conhecido como “O Velho”, por sua aparência de um homem idoso, descalço, que andava lentamente por toda comunidade, com um saco de linhagem nas costas, uma cabaça e uma cuia nas mãos, pedindo esmola pelas casas, a aparição do velho foi associado às doenças provindas dos surtos da varíola e às outras epidemias.

Omulú/ Obaluaiê é considerado pelas religiões afro-brasileiras como o orixá curador das enfermidades físicas do povo negro, assim a sua figura está associada à aparição dos surtos de doenças ocorridas na comunidade. Muitas narrativas afirmam que este orixá se caracteriza como orixá da doença junto a Nanã, orixás conhecidos como os

velhos, assim se vincula também que a aparição do velho e das epidemias fizesse com que os moradores reconhecessem naquele velho um apelo pelo culto e devoção a Omolu.

No Engenho da Ponte existe uma gameleira e um poço de água curativa, local conhecido pelos moradores pelo nome de “Pé do Velho” o nome do local provém da representação de Omolu como um velho. Nesse local, território da comunidade, negros e negras se reuniam para realizar as obrigações ritualísticas, rezas e oferendas, para Omolu/Obaluaiê divindades do panteão afro-brasileiro.

Os/as negros/as associaram certos símbolos e imagens de religiões diferentes de uma maneira estratégica para continuar alimentando seus atos devocionais às escondidas dos fazendeiros, que ainda preservavam resquícios da escravidão, e por essa razão, rechaçavam as manifestações de religiosidade negra e africana. Para a comunidade, a mística figura de Omolu, sacralizada em lugares específicos como no “Pé do Velho”, e sincretizada com o santo católico São Roque.<sup>6</sup>

No período da mortandade de crianças e adultos em decorrência das epidemias, e da aparição de Omolu, sincretizado com São Roque, formou-se uma nova comunicação religiosa, reunindo a fé no Orixá, do candomblé, e a fé em São Roque, do catolicismo. Os moradores se reuniram coletivamente, ao “Pé do Velho” fazendo uma promessa a São Roque, pedindo para ele por um fim à mortandade, e prometendo a execução da esmola cantada, procissão e festa, anualmente.

A festa de São Roque, como devoção católica é a festa mais antiga das comunidades quilombolas, entre os anos de 1990 e 2000 ela não aconteceu. Foi reavivada em 2009, pela iniciativa dos moradores do Engenho da Ponte, em parceria com a organização do Conselho Quilombola das comunidades. A iniciativa de resgate, resultante do encontro de mestres e aprendizes griôs do “Projeto Bagagem”, realizado em Lençóis (BA), em 2008, por intermédio de uma visão mística, através de sonho, que a mostrava a necessidade de não deixar que a festa mais antiga da comunidade se extinguisse, a Yalorixá e mestra griô Juvani Viana, foi inspirada, sob orientação

---

<sup>6</sup> A fazendeira era Elvira Novis, devota de Nossa Senhora da Conceição, promotora dos festejos à santa no dia oito de dezembro, na capela da localidade. Aderiu uma imagem de São Roque e entregou aos moradores. Sendo realizada no mês de agosto, mas nos depois, em decorrência das dificuldades de realização da em decorrências das chuvas e o solo de massapê que dificulta o traslado, a festa passou a ser realizada no mês de fevereiro.

espiritual, a articular a revitalização da Festa de São Roque, através da “Esmola Cantada”.

Esta ação pôs também a reflexão sobre a importância das religiões afro-brasileiras, as particularidades da cultura quilombola, e fez da revitalização da festa de São Roque, um importante passo para a reconstituição das memórias comunitárias, e da própria festa, como um patrimônio cultural dos quilombos.

## **ESMOLA CANTADA**

Segundo moradores a Festa de São Roque, principia na celebração festiva e solene, são estes os momentos antecedentes de organização da “esmola cantada”, que os moradores dos quilombos do Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Kalembá, Kaonge e Dendê, se reúnem para realizar em quatro domingos do mês de janeiro, com o propósito de arrecadar fundos, que se destinam a viabilizar a realização da missa, e festa principal no mês de fevereiro.

A cada domingo de janeiro, a comunidade do Engenho da Ponte percorre um trajeto específico para as outras comunidades, louvando a São Roque com rezas, cantos e samba, elementos que compõem o patrimônio imaterial da festividade, e que são transmitidos pela oralidade entre os/as moradores/as.

Os tocadores se organizam com seus cavaquinhos, pandeiros e rebole (uma espécie de tambor), além das/os rezadeiras/ores e cantadores/as. Crianças, jovens, adultos e idosos ao amanhecer do dia, saem da casa do tesoureiro anual da festa, que é chamado de “Dono da bandeira” de São Roque, o organizador da festa no seguinte ano.

Durante esses quatro domingos as pessoas percorrem a pé, trajetos longos, de uma comunidade a outra, seguindo um calendário: no primeiro domingo, vão do Engenho da Ponte até o Engenho da Praia. No segundo domingo, do Engenho da Ponte, até o Kalembá, o Kaonge, o Dendê e a Capela da localidade de Campina. No terceiro domingo, do Engenho da Ponte, até o Engenho Novo e à Acutinga (Opalma). No último domingo, do Engenho da Ponte até Santiago do Iguape, o grupo é recepcionado logo na porta da casa de um membro da louvação da outra comunidade, lá é realizado o peditório para o Santo. No fim da tarde, o grupo composto pelos/as moradores volta para a comunidade do Engenho da Ponte, fazendo o encerramento na casa do tesoureiro, com uma roda de samba.

Depois dos quatro domingos da esmola cantada, a festa de São Roque, propriamente dita, acontece no último final de semana do mês de fevereiro. Em 2018, foi criada uma roda de conversa com os mestres, com a finalidade de reunir mestres e mestras com moradores/as e visitantes da comunidade, de modo a fomentar a troca oral, o diálogo sobre as histórias, os saberes e fazeres entorno da festa, e assim, alimentar o processo de formação intergeracional tão importante para a manutenção dos festejos. No sábado à tarde, são realizadas brincadeiras educativas quilombolas com as crianças e jovens, à noite dá-se início aos festejos religiosos, com a apresentação de grupos musicais de samba de roda, dentre outros gêneros, são realizadas danças, e comercialização de comidas típicas, e produtos locais da economia solidária, além de leilões nos intervalos do baile, com a finalidade de arrecadar recursos para custeio das despesas da festa. Na manhã do domingo é celebrada a missa solene. Após a missa, no período da tarde, a procissão percorre a comunidade, conduzindo em andores enfeitados com flores coloridas, as imagens de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da igreja local, a imagem de São Roque e outros santos. O cortejo segue com rezas e cantos, ao som de ritmos da tradição negra quilombola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa sobre os festejos em louvor a São Roque na comunidade quilombola do Engenho da Ponte, em Cachoeira – Bahia foi desenvolvida como uma vivência em etnopesquisa implicada (MACEDO, 2012) que reconhece o “sujeito cultural”, e seu lugar de relação com a história, e as memórias que possibilitam a interação de entendimentos sobre a dinâmica da comunidade. Apresenta-se como resultados desse estudo, a produção de uma narrativa implicada, advinda de uma abordagem etnográfica, que permite observar, de dentro, a relevância da festa, como um evento significativo de preservação da memória e do patrimônio imaterial local, que mobiliza trocas de saberes para os quilombos da Bacia e Vale do Iguape. Descortina também, a partir dos relatos e da experiência, as atualizações que estão sendo realizadas para que a tradição se mantenha, este aspecto sugere a necessidade de continuidade da pesquisa, de modo a investigar os impactos dessa nova formação cultural, advinda dos contatos intergeracionais, e a tradição local. A pesquisa também identificou os desafios postos à continuidade dos festejos, muitos relacionados com as mudanças culturais e religiosas

da comunidade, e que impactam diretamente na realização da festa, através especialmente, da participação dos/as moradores/as na doação financeira para a “esmola cantada”, outro aspecto a ser melhor investigado, em sua relação com organização mais ampla do festejo (realização da festa, missa e procissão), no que se refere também à valorização deste patrimônio cultural, por parte das entidades, instituições e poderes públicos locais, que mesmo com todos os caminhos formais percorridos, no que se refere à preservação dos bens imateriais da cultura brasileira, ainda apresenta uma deficiência muito grande, sendo necessário ressaltar que é preciso criar estratégias de valorização e fomento às expressões coletivas que compõem a história da cultura e diversidade da sociedade brasileira.

A comunidade do Engenho da Ponte, e o Conselho Quilombola sistematicamente tem manifestado sua preocupação com o desaparecimento da transmissão oral dos elementos da festividade, desde a história de sua origem, até o patrimônio oral, composto pelos cantos, cânticos e rezas acumulados na experiência dos mais antigos, parte do acervo do patrimônio da cultura popular quilombola da região, da ancestralidade da comunidade, e das formas *sui generis* de sua religiosidade.

Entendemos, que ter as crianças e jovens motivados a valorizarem as tradições locais, as identidades tradicionais, seja na vivência social em comunidade, seja no ambiente escolar do ensino formal quilombola, é fundamental. Na escola é primordial o enfrentamento de uma estrutura colonial do ensino, através da criação de ações pedagógicas e curriculares, que fundem os saberes em uma epistemologia que se valha também da oralidade na transmissão/construção dos saberes, como uma estratégia de manutenção e preservação da identidade e da cosmovisão da comunidade, e de um campo étnico quilombola.

Por fim, entendemos que a festa aciona vínculos comunitários, fortalece laços intergeracionais, retroalimenta o coletivo a partir das vivências ancestrais e atemporais, e que os fazeres da festa, evocam saberes que auxiliam, naturalmente, a mobilização e a fluidez dos entrelaces das memórias antigas, e das atualizações que vão surgindo se (re)significando a festa e os/as novos/as sujeitos e seus aportes vivenciais, que contemporaneamente, (re)reconstroem e revivem, em sua originalidade, essa expressão de fé e identidade negra.

## REFERÊNCIAS:

ARRUTI, José Maurício. **A emergência dos ‘remanescentes’: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas**. Mana, Rio de Janeiro, n. 3.2, 1997, p-7- 38.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: SANSONE, Lívio & Osmundo PINHO (orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: ABA/ Edufba, 2008, p.315-350.

CECVI. Centro de Educação e Cultura Vale do Iguape. Conselho Quilombola: disponível em: <[http://cecvi.org.br/?Page\\_id=5](http://cecvi.org.br/?Page_id=5)>. Acesso em: 04 abril. 2018.

PEREZ, Léa. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa et al. (orgs.) **Fest como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.21-42.

TAVARES, Fátima e Francesca BASSI. Diversidade e invisibilidade festiva na Baía de Todos os Santos. In: TAVARES, Fátima & Francesca BASSI (orgs.). **Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades**. Salvador, Edufba, 2015, p.255-278.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada – pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Série Pesquisa, v. 21. Brasília. Liber Livro, 2012.

MARINHO, Thais Alves. As nuances do reconhecimento mussuca: entre a folclorização e a etnicização. In GOUVÊA Dumas, Alexandra e CARVALHO, Clóvis. Corpo Negro. Nadir de Mussuca, **Cenas e Cenários de uma mulher quilombola**. São Cristóvão: Ed.UFS, 2016, p.153-177.

MOURA, Glória. **Festas dos quilombos**. Brasília: Editora UnB, 2012.

SANTOS, Cléia, Costa dos. JOVELINO, Rosane, Viana. SILVA, Gilmar Bittencourt Santos. **Conselho Quilombola e sua função deliberativa no planejamento do estado: o caso da Bacia e Vale do Iguape**. BAED. ARTIGOS. Salvador- BA, 2018.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de Contato” revisitados. In: DAWSEY, John et al. (orgs.). **Antropologia e performance**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p.37- 65.